

# Contra-indicado a pessoas insensíveis

Uma experiência individual vira regra e acaba com as arapucas da língua portuguesa

Ana Luzia Silveira

Flecha se escreve com **x** ou **ch**? É sessão de cinema, tem **s** ou **ç**? Confundir estas e tantas outras letras, como o **s** com o **z**, o **c** com o **ss** são apenas algumas das dúvidas atrozes de qualquer estudante que chegue a se descabelar quando se depara com a língua de Luís de Camões. E muitos, até depois de formados, se sentem perseguidos por esses verdadeiros "demônios" gramaticais e a solução acaba sendo recorrer ao Aurélio nosso de cada dia. Mas, afinal, nem tudo está perdido. Ainda existe luz no fim do túnel e, se colocada de forma inteligente às "vítimas" da língua pátria, ajuda a elucidar estas e muitas outras questões que até transcendem a ortografia. A fórmula é simples: há quem diga que basta investir na leitura, mas não aquela desassociada do contexto em que está inserida a criança, onde se tem o livro básico indicado pelo professor e pronto. É preciso mergulhar mais fundo, buscando com o hábito, fazer com que o aluno reflita, pense, critique o que leu, produza novos textos e até, quem sabe, transforme a sociedade.

Pelo menos foi isso o que propôs há quatro anos a professora Edna Lourdes de Magalhães quando, através de "ensaios e erros", percebeu que havia uma outra forma de ministrar o português do que aquela imposta pelo programa da Fundação Educacional. Mesmo sem o respaldo oficial da FEDF ela reestruturou de uma maneira empírica o esquema. E os alunos de uma "trabalhosa" turma de 5ª série da Escola Classe 115 Norte que, a princípio, não tinham um bom relacionamento com a professora, apresentaram no final do ano letivo um resultado surpreendente. Dos 15 meninos da turma, cujas menções estavam abaixo da média, apenas quatro foram reprovados, provando que o modelo tradicional enraizado nos velhos padrões didáticos nem sempre correspondem à realidade do ensino.

Ensinar é uma arte e, como tal, não pode ficar presa a moldes pré-estabelecidos por quem não conhece o cotidiano das crianças nas salas de aula. "Seguir uma linha onde se determina que encontros vocálicos e consonantais, por exemplos devem ser trabalhados no primeiro bimestre e depois passa-se para os verbos, pode significar um equívoco, pois só a gente que está vivendo o dia-a-dia com os alunos sabe se eles estão preparados para assimilar outras matérias ou não", diz Edna que, por ter se deparado com uma turma "difícil", resolveu buscar um caminho diferente, que a levou a investir na leitura.

Ressalta, porém, que passou a desenvolvê-la de uma forma muito abrangente. No início, ela e a turma se dedicavam à leitura das coisas que aconteciam na sala de aula, analisando expressões e comportamentos de pessoas estranhas que ali chegavam. Os cartazes colados nas paredes da escola, até então destruídos pelos alunos, passaram também a ser uma referência, "e eu procurava discutir com as crianças o que elas compreendiam daquelas frases e, por incrível que pareça, os cartazes permaneceram intactos", conta, acrescentando que mensagens em **out-doors** suspensas em placas nas ruas também eram lidas e discutidas em sala. Até a leitura corporal passou a ser explorada. "Trabalhei no sentido de que os alunos percebessem o quanto é importante ler a expressão dos colegas, dos professores, dos pais, enfim, para se entender as pessoas, pois a partir do momento em que se lê tudo e todos que estão à sua volta, é possível partir, com mais amadurecimento e consciência, pa-

ra a compreensão do que está escrito num livro, dissecando-o até onde for possível".

Este trabalho, que ela define como de preparação, foi desenvolvido durante um mês, quando os alunos com idade entre 9 e 11 anos, já estavam prontos para investir fundo na leitura de textos compreendendo-os, interpretando-os, criticando-os, analisando os personagens e até os associando a pessoas de sua convivência. Recorda de um texto que apresentou à turma, denominado **Mamãe Não Trabalha**. "Foi incrível", conta, pois a história e os personagens envolvidos não eram desconhecidos de algumas crianças, que perceberam seus pais retratados no texto, que conta mais ou menos como é a vida da mulher que não trabalha fora mas, em compensação, passa o dia todo lavando, passando e cozinando dentro de casa. À noite, quando o marido chega do serviço, ela pede para as crianças ficarem quietas, pois o pai está cansado e precisa ver o noticiário da tevê".

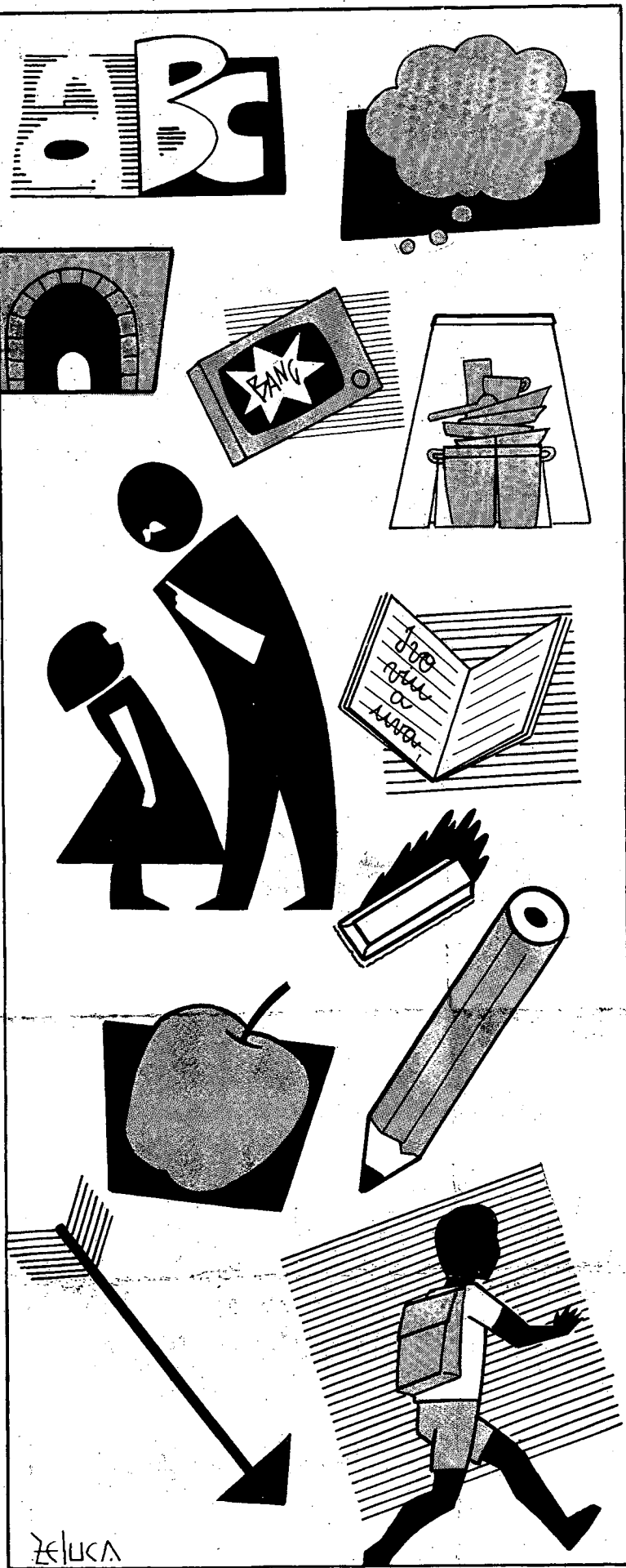
Através desta história, a professora procurou saber dos alunos o que eles perceberam e surpreendeu-se mais ainda, quando ouviu deles que a mulher, no texto, era machista e ela própria se desvalorizava, pois só o marido tinha o direito de estar cansado no fim do dia. "Foi aí que eu também entendi que analisar uma leitura não é apenas preencher um questionário. Ela tem que estar integrada com tudo. A leitura é mais abrangente do que eu própria imaginava: é fonte de conhecimento, de beleza, de estética, um caminho para se questionar a sociedade. É fonte para que você domine aspectos lingüísticos, para enriquecer o vocabulário" e, quando se reflete sobre um texto, fica fácil produzir novos trabalhos e aí, as regrinhas gramaticais, como ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal e outros itens que costumam arrepiar os alunos, são tirados de letra.

## Receio

Edna confessa que quando partiu para este caminho, "fugindo" do programa da Fundação Educacional, teve um certo receio. Tanto é que nem comentava com a direção da Escola Classe 115 Norte a nova metodologia que estava empregando. Mas, o mais importante, foi o resultado que a turma alcançou. "Antes, trabalhava exaustivamente e nada de positivo acontecia. Já com o novo método, a coisa se inverteu e no final, percebi um amadurecimento nos alunos, sentindo que eles podiam falar, reivindicar, ter consciência de seus direitos e deveres", conta a professora, que no ano seguinte continuou investindo no mesmo esquema, mergulhando ainda mais fundo: partiu para a exploração da produção do próprio aluno, e, junto com as crianças, selecionava textos que interessavam a elas.

E foi numa dessas seleções que Edna encontrou em **Carolina**, de Chico Buarque, o texto certo para ensinar aos alunos o verbo no pretérito. De quebra, a professora ainda discutiu com eles a análise da letra, onde aquela moça, que guardava tanta dor, não entende que seu pranto vai mudar. Pois, enquanto isso, lá fora, uma rosa nasceu, todo mundo sambou, uma estrela caiu, mas Carolina não viu. Assim como não viu que a mesma rosa morreu, uma festa acabou, o barco partiu e o tempo passou na janela.

Edna Lourdes ainda propôs o fim da figura do professor, no sentido hierárquico da palavra. "Sugeri a eles uma certa cumplicidade no aprendizado, onde ele me colocava não como uma professora nos moldes tradicionais. Eu, no caso, passei a ser cúmplice deles, objetivando,



com isso, o crescimento de toda a equipe, em que há uma pessoa que se diferencia deles apenas por dois fatores: por ter mais experiência de vida e um maior nível de escolaridade". Afinal, a troca de conhecimentos é constante. "Tenho muita coisa a receber deles, que acabam avaliando também o meu trabalho, pois as tarefas que os alunos executam são feitas por mim". Os testes, que também são uma forma de avaliação de conhecimento, não têm **x**, em questões do tipo "preencha as lacunas". Edna faz questão, desde quando partiu para seu novo método, de só adotar provas subjetivas, fazendo com que os alunos pensem o tempo todo.

## Resistência

O receio da professora em ter

investido em algo novo acabou, no ano passado, quando a FEDF convocou uma equipe de professores da área para reestruturar o conteúdo antigo da língua portuguesa para as turmas de 5ª a 8ª séries. A nova metodologia do ensino de português coincide com o trabalho que Edna já vinha desenvolvendo, fazendo com que a professora conte agora com o tal respaldo oficial da Fundação. Ela afirma, porém, que o método, "implantado experimentalmente" em todas as escolas do Distrito Federal, enfrenta uma certa resistência de profissionais ainda presos ao modelo tradicional, que chegaram até a se espantar quando se depararam com o novo conteú-

do, cientes de que a gramática havia sido abolida.

"Mas isso não aconteceu", garante. "Ela está inserida no programa que, no entanto, não vem mais discriminado como antes, determinando que no primeiro bimestre o professor deve se dedicar ao ensino de verbos; no segundo, ao ensino de substantivos, e por aí vai". Tudo agora faz parte de um contexto, onde o aluno deixa de ser um mero agente passivo, frisando que a nova didática determina apenas o que deve ser ministrado em cada série e o professor passa a ter total liberdade para dividir este conteúdo da maneira que achar melhor.

Diz que o ponto de partida para o ensino da língua é a prática, tanto a da leitura, como a de produção de texto e ainda a da análise linguística. Conta, porém, que a preocupação da maioria dos professores consiste no fato de o conteúdo ter sido implantado em todo o DF ao mesmo tempo, sem que a Fundação tenha adotado cursos preparatórios para os profissionais que terão que repassar a seus alunos a metodologia. "É uma proposição nova e ótima", ressalta, "mas teria sido mais interessante se equipes de professores treinados repassassem seus conhecimentos para os colegas de cada regional, multiplicando assim as turmas de professores engajados no assunto".

Edna diz que, pelo que ouve falar em reuniões, poucos professores têm aplicado o novo modelo na íntegra, "até por insegurança", explica ela que atualmente leciona para as turmas de 6ª e 8ª séries do Centro de Ensino de 1º grau da 603 Norte, confiante de que no ano que vem o trabalho esteja mais emadurecido, "pois há encontros com coordenadores da área e possibilidade de a Fundação oferecer cursos aos seus profissionais".

E a professora, que além de ser regente de turma no colégio, o também coordena a matéria ali, garante que seu trabalho está sendo aplicado na íntegra e as respostas continuam positivas. Tanto é que as crianças que contam com este novo aprendizado falam sobre o que acham da metodologia aplicada. Segundo Sierley Rodrigues, 12 anos, e que no ano passado na 6ª série foi aluna da professora, diz que, em termos de conteúdo escolar, as aulas a incentivaram muito. "Eu odiava português e hoje esta é uma das matérias onde tenho mais facilidade, a não ser pela ortografia, dificuldade que tenho desde pequena".

Sua colega, Nôga Maria Ribeiro também comenta o ensino: "Eu era superintimida e morria de medo de me expressar", diz. No entanto, no ano passado, as duas surpreenderam e até emocionaram Edna Lourdes quando participaram da Mostra de Trabalhos Pedagógicos dos Colégios da Asa Norte. É que elas montaram uma caixa onde dentro reuniram várias poesias de Carlos Drummond de Andrade. No lado de fora escreveram frases, como se a caixa fosse uma embalagem de algum produto farmacêutico, onde se lia, entre outras coisas, que "o produto é contra-indicado a pessoas insensíveis, recomendando-se o uso apenas a quem queira alimentar a alma".

Este trabalho, feito pelas meninas por iniciativa delas mesmas, foi mais uma prova de que inovar o ensino, apesar de todas as resistências, é uma arte e o estudo do nosso idioma pode muito bem estar inserido neste contexto. Afinal, como disse Caetano Veloso, "minha pátria é minha língua" e quem não consegue compreender seu próprio idioma, acaba se perdendo em uma confusão de tempos verbais, concordâncias, separação de sílabas, pontuação e todas aquelas regrinhas que são de arrepiar. E o pior, se sente importante até para tentar transformar a sociedade.